

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL SUBSTITUIRÁ O MÉDICO?

João Modesto Filho

Acadêmico Titular da APMED - Cadeira 33

Desde Hipócrates, a Medicina tem sido concebida como uma prática fundamentada na observação clínica, no raciocínio interpretativo e no compromisso ético. Os extraordinários avanços tecnológicos que vivenciamos, especialmente na Medicina, impulsionam um debate cada vez mais urgente: até que ponto a Inteligência Artificial (IA) poderá substituir o ato médico — e como preservar a dimensão humana da prática clínica.

Essa controvérsia reflete o embate entre a singularidade ética da relação médico-paciente e a crescente superioridade da IA em tarefas específicas. A história nos mostra que o medo da substituição tecnológica é antigo. Sócrates, por exemplo, rejeitou a escrita por acreditar que ela atrofiaria a memória; no entanto, a escrita revelou-se uma extensão do pensamento humano, não sua substituta. O mesmo ocorreu com o estetoscópio, a radiografia e outros instrumentos, inicialmente vistos com desconfiança, mas que acabaram por ampliar a função médica, e não a eliminar.

Hoje, a Medicina já não se limita ao encontro físico entre médico e paciente. Algoritmos decifram imagens com precisão superior à humana, softwares preveem arritmias antes de sua manifestação e plataformas digitais integram dados genéticos, microbiota intestinal e hábitos cotidianos, permitindo planos terapêuticos personalizados. A IA analisa milhões de dados em segundos — algo impossível ao ser humano —, apoia terapias de farmacogenômica e contribui para a oncologia de precisão. Esses avanços não são mais promessas futuras, mas realidades em curso.

Entretanto, o avanço da IA reacende o debate sobre os limites da substituição humana. A IA não elimina o médico: redefine suas funções. Assim como Sócrates temia a perda da memória e, no entanto, a escrita expandiu a cognição, a IA pode expandir a Medicina. O receio de que a tecnologia atrofiará a clínica tem raízes legítimas, mas reflete, sobretudo, a tensão entre confiança e controle. A verdadeira questão não é “se” a IA substituirá o médico, mas como

ela transformará o papel do médico — deslocando-o do acúmulo técnico para a síntese interpretativa, ética e comunicacional.

Mesmo diante de tamanhos avanços, a Medicina não é apenas técnica. Ela envolve empatia, escuta, presença e construção de confiança. A IA, se mal aplicada, pode reproduzir desigualdades raciais e sociais, além de gerar o risco da desumanização caso seja colocada acima da relação médico-paciente. Surge então uma questão ética fundamental: quem responderá por um erro de diagnóstico gerado por um algoritmo? O programador? O hospital? O médico que apenas seguiu a recomendação da máquina?

Algoritmos já identificam melanomas com acurácia superior à de dermatologistas experientes, mas não existe infalibilidade algorítmica. Se os bancos de dados refletem desigualdades, a IA perpetuará e ampliará essas injustiças. O paciente não pode ser reduzido a um conjunto de variáveis: ele é um ser humano com medo, esperança e história. O maior risco não é a falha técnica, mas a transformação da relação médico-paciente em uma interface médico-máquina, onde a escuta e o vínculo se perdem.

Assim, a pergunta filosófica central permanece:

A Medicina é apenas técnica ou também é uma relação?

Se for apenas técnica, poderá ser delegada a algoritmos; mas se for entendida como um encontro humano, em que o médico não apenas interpreta dados, mas acolhe, compartilha angústias e oferece esperança, então a IA jamais poderá substituir essa dimensão.

Do ponto de vista ético, persiste o princípio hipocrático: “curar às vezes, aliviar frequentemente, consolar sempre.”

A IA pode ajudar a curar e até aliviar, mas somente o ser humano pode consolar.

Portanto, o dilema não é se a IA substituirá o médico, mas como médicos e IA poderão trabalhar juntos. O futuro mais promissor não será o da máquina que ocupa o lugar do médico, mas o da parceria que une precisão algorítmica e sensibilidade clínica, análise de dados e julgamento ético, velocidade da máquina e sabedoria da experiência.

A IA já transformou a Medicina, mas é essencial que essa transformação preserve o humano. A tecnologia deve ser vista como ferramenta de apoio, potencializando a precisão

diagnóstica e terapêutica, sem suprimir a dimensão ética e relacional do cuidado. Caberá ao médico integrar a IA ao tirocínio clínico, aplicando protocolos claros, monitorando vieses e garantindo a centralidade do paciente. A tecnologia deve amplificar a ciência — nunca reduzir a humanidade.

A Medicina do futuro será híbrida: sustentada pela ética hipocrática, mas impulsionada pela inteligência artificial. A IA, muitas vezes acusada de desumanizar, poderá se tornar sua maior aliada, desde que usada de modo crítico e ético. Isso exigirá reformulação da educação médica, com foco em interpretação, bioética digital e comunicação empática. O médico que não souber integrar a IA terá limitações.

A sociedade, por sua vez, deve preparar-se para essa colaboração médico-máquina, compreendendo que o futuro da Medicina não será de substituição, mas de cooperação — uma Medicina mais dinâmica, precisa e humana, onde a IA será uma “segunda opinião superinformada”, liberando o médico da análise mecânica para que se dedique ao que é exclusivamente humano: a relação, a compaixão e o julgamento ético final.

Referências

Verghese A. What This Computer Needs Is a Physician: Humanism and Artificial Intelligence. December 2017 JAMA 319(1). DOI:10.1001/jama.2017.19198.

Obermeyer Z, Lee TH. Lost in thought: The limits of the human mind and the future of medicine NEJM, 28;377(13):1209-1211, 2018.

L'intelligence artificielle peut remplacer le médecin? Jean-Louis Wemeau et Guillaume Assié. SFE 2025, Lille, 24-26 septembre, 2025.